

Março 2025

CARTA MENSAL



BNP PARIBAS
ASSET MANAGEMENT

O investidor
sustentável para um
mundo em mudança



- Gilberto Kfour Jr. -

CIO BNP Paribas Asset Management Brasil

// Caros leitores,
É com grande satisfação que apresentamos a edição deste mês da nossa Carta Mensal. Neste documento nossa equipe de gestão compartilha sua visão sobre os principais acontecimentos do mercado e suas perspectivas diante de um mundo em mudança.
Agradecemos pela confiança depositada em nosso trabalho e esperamos que essa carta contribua para sua compreensão do atual cenário de investimentos.

Atenciosamente,

Gilberto Kfour Jr.
Chief Investment Officer
BNP Paribas Asset Management Brasil

//



ECONOMIA



- Andressa Castro -

Economista-chefe

// DIANTE DISSO, O MERCADO PASSOU A PRECIFICAR UMA MAIOR PROBABILIDADE DE RECESSÃO, TANTO DA ECONOMIA AMERICANA, QUANTO DA ECONOMIA GLOBAL. //

ECONOMIA INTERNACIONAL

O último mês foi marcado novamente por um desempenho fraco do mercado americano, intensificando o movimento iniciado em fevereiro, incluindo: a desvalorização do dólar frente as principais moedas pares (com destaque para o fortalecimento do euro), o enfraquecimento da bolsa americana e uma redução nas taxas de juros. Isso reflete principalmente uma preocupação dos investidores acerca do crescimento da economia americana diante da imposição de tarifas de importação e consequente retaliação por parte dos países pares.

Gráfico 01

Índice DXY



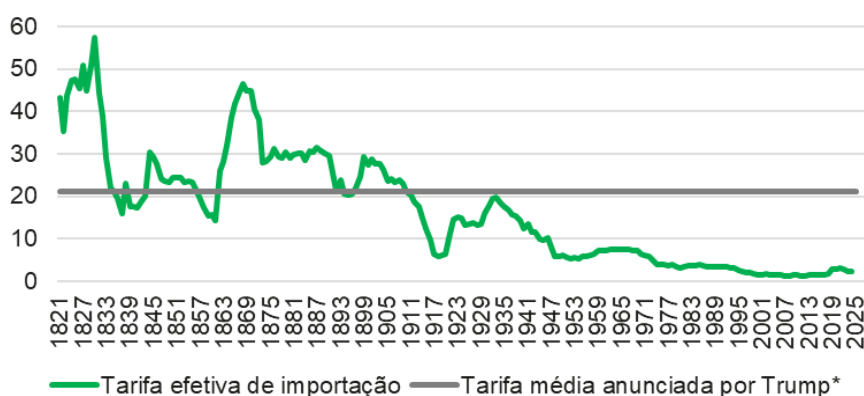
Fonte: Bloomberg. Elaboração: BNPP AM Brasil. Atualizado em abril/2025.

De fato, o anúncio de Trump no dia 2 de abril veio pior que o esperado pelo mercado, elevando de forma significativa as tarifas de importação cobradas de diversos países (aumento de 20% sobre a União Europeia, 34% sobre a China, 24% sobre o Japão etc.), além de impor 10% de tarifa mínima para todos os países que possuem comércio exterior com os EUA, incluindo o Brasil. Caso não haja negociação para reduzir as tarifas, a alíquota média efetiva de importações dos EUA atingirá o maior valor dos últimos 115 anos, acima de 20%. Nesse caso, o impacto sobre a inflação americana em 12 meses seria de algo em torno de 180 bps e o crescimento do PIB cairia cerca de 1,5 pp. Diante disso, o mercado passou a precificar uma maior probabilidade de recessão, tanto da economia americana, quanto da economia global.

// DIANTE DESSA RETOMADA DA INFLAÇÃO ACOMPANHADA DE UMA DETERIORAÇÃO DAS EXPECTATIVAS PARA HORIZONTES MAIS LONGOS, COMO RESULTADO DO RISCO FISCAL, FORTALECIMENTO DO DÓLAR E SUPERAQUECIMENTO ECONÔMICO, O BANCO CENTRAL TEM SIDO LEVADO A CONDUZIR A TAXA DE JUROS PARA UM PATAMAR AINDA MAIS CONTRACIONISTA. //

Gráfico 02

EUA: Tarifa média de importação (%)



Fonte: Tax Foundation. Elaboração: BNPP AM Brasil. Atualizado em abril de 2025.

A avaliação do Fed (Federal Reserve) sobre as tarifas está em linha com esse movimento recente do mercado. Na última reunião do FOMC (Federal Open Market Committee), as projeções econômicas dos membros do comitê apontavam para um efeito transitório das tarifas sobre a inflação, porém um impacto mais prolongado sobre o crescimento econômico. Esse efeito negativo sobre a atividade ocorre por diversos canais, como a perda do poder de compra dos consumidores, o congelamento de decisões de investimento por parte de empresas (importadoras principalmente) e o aperto de condições financeiras, impactando a riqueza dos agentes econômicos.

Diante de uma perspectiva de menor crescimento por conta das tarifas, o FOMC manteve a mediana da projeção de juros em 2 cortes ao longo desse ano, ainda que o cenário inflacionário seja mais desafiador. Vale ressaltar que o FOMC publicou essa projeção anteriormente ao anúncio feito por Trump sobre as tarifas. Após anúncio, é possível dizer que o impacto inflacionário será maior que o cenário considerado pelo Fed, ao mesmo tempo em que o impacto negativo sobre a atividade também será mais forte que o projetado pelo comitê.

Independentemente da projeção do Fed, na nossa visão, haverá uma janela benigna no meio do ano em que será possível efetuar mais um corte de juros, contando com o arrefecimento da atividade, já em curso, e com uma redução no ritmo de criação de empregos, devido à maior restrição imigratória e menor contratação no setor público, como parte da agenda de aumento da eficiência do governo. Posteriormente, o ritmo de desaceleração da atividade causado pela elevação das tarifas ditará os passos do Fed em relação à política monetária. Caso o risco de recessão aumente de maneira relevante, o Fed poderia acelerar as quedas de juros.

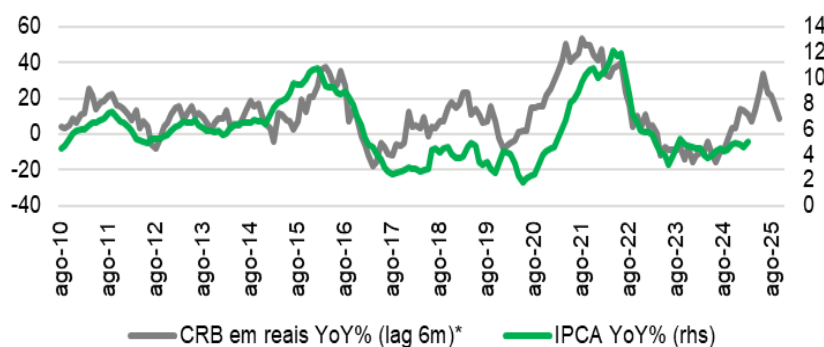
ECONOMIA BRASILEIRA

Sob esse pano de fundo, os ativos brasileiros têm apresentado um desempenho relativamente positivo. No acumulado do ano, o real é uma das moedas com a maior valorização frente ao dólar, as taxas de juros nominais estão cedendo e a bolsa subindo (apesar do movimento recente de aversão ao risco). Isso se deve, em parte, ao fato de o Brasil ser menos impactado pelo “tarifaço” do que outros grupos de países emergentes, como os asiáticos e europeus. Além disso, vale lembrar que o Banco Central continua subindo a taxa de juros, tornando o carregamento mais atrativo para investidores estrangeiros em comparação a pares que estão em ciclo de corte de juros.

Em relação às tarifas, é possível mapear diversos canais de impacto para o mercado brasileiro. Os principais são o dólar, que tem desvalorizado conforme mencionado, e as commodities, que têm enfraquecido perante a perspectiva de um menor crescimento mundial. Essa combinação, caso perdure, poderia aliviar a inflação que ainda tem sofrido com o repasse da alta do dólar que ocorreu ao final do ano passado.

Gráfico 03

CRB reais vs IPCA YoY%



Fonte: IBGE e Bloomberg. Elaboração: BNPP AM Brasil. *Cálculo BNPP AM Brasil. Atualizado em abril/2025.

Além disso, há um impacto direto de redução de exportações brasileiras para os EUA. Consideramos, no entanto, que isso afetaria pouco o PIB brasileiro, uma vez que as exportações do Brasil para os EUA correspondem somente a 2,2% do PIB e futuramente seria possível uma realocação desse comércio para outros países. Outra possibilidade que poderia amortecer esse efeito seria uma substituição da importação de mercadorias de países com tarifas maiores que os 10% impostos sobre o Brasil.

Por fim, em um ambiente de retaliação entre Estados Unidos e China, o Brasil poderia se beneficiar por canalizar as exportações de soja para a China. No mandato anterior, quando Trump impôs tarifas sobre a China em 2018, a China respondeu por meio de uma redução de importações de produtos agrícolas americanos, especialmente soja, substituindo por soja brasileira. Isso também ajudaria a reduzir o impacto sobre nossa balança comercial causado pelas tarifas.

Portanto, em uma comparação relativa com os demais países, é possível que sejamos menos impactados negativamente. No entanto, ainda é cedo para dizer exatamente qual será o efeito final sobre nossa atividade e inflação. Por um lado, o cenário de menos crescimento global e redução da inflação via queda de commodities poderia ser benigno. Por outro lado, um movimento de forte aversão ao risco, caso a preocupação com uma recessão global se agrave, poderia pressionar o dólar e cancelar o efeito desinflacionário do enfraquecimento das commodities.

RENTA FIXA E MULTIMERCADO



- Michael Kusunoki -

Head Renda Fixa & Multimercados

// O NOTÓRIO SILÊNCIO DO GOVERNO, OUTRORA TÃO ESTRIDENTE COM AS AÇÕES DO BC, SÃO SINAIS POSITIVOS DE CONSENTIMENTO E TALVEZ DE RECONHECIMENTO DOS EFEITOS PREJUDICIAIS DA INFLAÇÃO ELEVADA SOBRE A POPULARIDADE. //

Vale a pena ter NTN-B na carteira?

O juro real médio das NTN-B de 2 anos teve uma alta vertiginosa, vindo de 7,28% em meados de fevereiro recente para 8,34% ao final de março. No mesmo período, o juro nominal de prazo equivalente subiu cerca de 45bps. A diferença entre os dois resultou em uma queda 64bps de inflação implícita, para casa de 6,50%, que é a explicação para a performance ruim do IMA-B5 no mês que passou.

Indiretamente, o real teve seu papel, ao se firmar ao redor de 5,70, bem abaixo dos 6,20 em que viramos o ano. Mas o grande indutor desse movimento foi o Banco Central, através do forte aperto monetário, sobretudo na sequência de 3x100bps. Desde o início do ciclo de alta, em setembro, vivíamos uma situação desconfortável para o BC, à medida que o prêmio de inflação subia junto com a elevação da Selic. Essa dinâmica se quebrou com mais clareza nessa última reunião. Há um racional para esse comportamento do mercado: essa foi a primeira comunicação de fato da era do presidente Galípolo. E ela foi dura o suficiente para que o mercado revertisse o temor de uma guinada mais *dovish* nas mãos do novo mandatário. O notório silêncio do governo, outrora tão estridente com as ações do BC, são sinais positivos de consentimento e talvez de reconhecimento dos efeitos prejudiciais da inflação elevada sobre a popularidade.

De volta a pergunta inicial, achamos atrativas as NTN-Bs intermediárias. Primeiro, porque por mais que a inflação implícita tenha recuado, não parece o caso de o mercado acreditar em inflação na meta, de modo que parece haver limite para quedas adicionais. Além do que, com o recuo da atividade é mais provável que o BC encerre o ciclo em breve. Outro argumento: de olho na popularidade, o governo está determinado em frear a desaceleração da atividade econômica com medidas de estímulo como: crédito consignado privado, ampliação do Minha Casa Minha Vida, aumento de faixa de isenção do IR, uso crescente do BNDES na concessão de crédito, entre outros, medidas que visam incentivar o consumo, tornando a ação do BC menos eficaz no combate inflacionário.

Por fim, as políticas do governo Trump têm sido fonte de grande incerteza, com consequências desconhecidas para a economia americana e global, bem como para os mercados. Por ora, prevalece a percepção de menos crescimento à frente, com aumento de chance de recessão nos EUA, o que tem empurrado os juros globais para baixo. Nesse contexto, embora o Brasil esteja no grupo menos afetado pelas tarifas, um menor crescimento global tende a refletir na dinâmica da economia local.

Embora o desempenho recente não tenha sido bom, continuamos comprados em NTN-Bs, alongamos um pouco o perfil do portfólio e destravamos a parcela comprada em DI.

CRÉDITO PRIVADO



- Henri Rysman
de Lockerente -

Head de Crédito Privado

// MESMO COM OS BAIXOS NÍVEIS ATUAIS DE SPREAD DE CRÉDITO SOBRE AS NTN-BS, A DEMANDA PARA OS PAPÉIS INCENTIVADOS SEGUE FORTE //

O mercado de crédito continua resiliente, com os fundos de crédito privado registrando uma captação líquida positiva e superior ao mês anterior, somando aproximadamente R\$ 10 bi. As emissões no mercado primário registraram R\$57,7 bi em títulos de crédito (terceiro mês consecutivo de aumento), com o percentual distribuído de 57% (vs 39% em fev25). O mercado secundário segue com alto volume de negociações (aproximadamente R\$ 64 bi), em linha com os meses anteriores e levemente abaixo do mês de fevereiro.

No mercado de CDI, a média simples dos spreads de crédito no mercado secundário, mesmo com a tendência de dispersão para os segmentos High Yield e High Grade, voltou a registrar fechamento, devolvendo mais uma parte do movimento de alta do final do ano de 2024. No mercado de IPCA, os spreads sobre as NTN-BS se mantiveram em níveis baixos e próximos a zero. Mesmo com os baixos níveis atuais de spread de crédito sobre as NTN-BS, a demanda para os papéis incentivados segue forte, explicada pela questão do benefício tributário dessa classe de ativos e pelo nível alto das taxas de juros reais.

Para as nossas carteiras de crédito privado que investem primordialmente em ativos indexados ao CDI, continuamos as alocações em ativos com prazo até 36 meses, de forma muito seletiva e com atuação maior no mercado secundário. Setorialmente, a alocação em títulos de crédito bancário segue com bastante força, fato que se deve à redução do diferencial de prêmio de risco entre os ativos dos bancos e os ativos corporativos não financeiros. Dessa forma, buscamos manter a nossa alocação em ativos de crédito com os prazos médios das carteiras dentro das faixas que estabelecemos, otimizando da melhor forma a relação risco-retorno. Seguimos estrategicamente cautelosos e atuando de modo mais conservador em decorrência dos seguintes riscos percebidos: a incerteza sobre a política fiscal e a execução orçamentária no Brasil, a volatilidade trazida pelas políticas adotadas durante o governo Trump e o rumo da política monetária dos EUA e doméstica.

Na nossa estratégia de infraestrutura, a alocação em risco IPCA está próxima dos 90%. O prazo médio da carteira é superior ao IMA-B5 em função da menor alocação em títulos até 2025 e maior alocação em títulos no meio da curva, de 2026 até 2030. Acreditamos que os ativos indexados à inflação com uma *duration* intermediária oferecerão uma ótima oportunidade de diversificação. Pontuamos mais uma vez que o nível atual dos spreads para os ativos em IPCA, mesmo que menores que os observados no início de 2024, associado ao nível ainda elevado da curva de juros real, torna os ativos de infraestrutura atraentes.

REND A VARIÁVEL



- Marcos Kawakami -

Head Renda Variável

// NO BRASIL, MARÇO FOI UM MÊS EXTREMAMENTE POSITIVO PARA O MERCADO ACIONÁRIO. //

Em março, observamos a continuidade do movimento de redução de risco iniciado em fevereiro nos principais mercados globais. Esse cenário foi impulsionado, principalmente, pela proposta de aumento de tarifas do presidente norte-americano Donald Trump e pelo temor de uma recessão econômica decorrente dessas medidas. Além disso, modelos quantitativos que operam no mercado acionário americano intensificaram as vendas de ações, contribuindo para a pressão negativa.

Diante desse cenário, o índice S&P 500 registrou sua pior queda desde 2022, encerrando o mês com uma desvalorização de 5,75%. O MSCI World também recuou 4,64%, enquanto as bolsas europeias acompanharam essa tendência, fechando o mês com uma queda de 3,94%.

Por outro lado, os mercados emergentes tiveram um desempenho mais positivo em março, impulsionados pelo redirecionamento de fluxos de capital dos EUA para essas economias. Como resultado, o índice MSCI Emerging Markets fechou o mês com alta de 0,38%, com destaque para as fortes performances do Brasil, da África do Sul e da Índia.

No mercado de commodities, o mês foi marcado por sentimentos mistos. O minério de ferro registrou queda de 1,17%, pressionado pelo aumento das tensões comerciais globais. Em contrapartida, o petróleo avançou 2,65%, impulsionado pelas sanções mais rígidas dos EUA contra o petróleo importado da Venezuela e pelo aumento das incertezas geopolíticas.

No Brasil, março foi um mês extremamente positivo para o mercado acionário. O fluxo estrangeiro para mercados emergentes – o maior desde agosto de 2024 – impulsionou os investimentos na bolsa brasileira. Esse movimento, aliado à baixa liquidez e ao leve posicionamento dos investidores no mercado local, fez os principais índices acionários subirem significativamente. O Ibovespa avançou 6,08%, enquanto o índice Small Caps teve alta de 6,73%.

Além disso, março marcou o fim da temporada de resultados do quarto trimestre de 2024, com destaque para o setor de processamento de carne, cujas empresas apresentaram resultados sólidos e se destacaram no desempenho do mercado.

No cenário internacional, as incertezas continuam, mas nota-se uma melhora significativa na percepção do mercado.

Por um lado, o presidente Donald Trump continua com um discurso combativo quanto a tarifas, mantendo o risco tarifário alto. Porém, o receio de uma forte desaceleração da economia americana arrefeceu durante março, uma vez que o setor de serviços continua relativamente aquecido e que os dados econômicos publicados ainda não apontam para uma desaceleração relevante e iminente.

Além disso, com o impulso fiscal anunciado pela Alemanha ao longo do mês, nota-se certo otimismo em relação à economia europeia, que poderia entrar em um ciclo de maior crescimento nos próximos anos.

Na China, o sentimento em relação à economia tem melhorado, com dados do mercado imobiliário se estabilizando e maior otimismo quanto ao setor de tecnologia. Desde o anúncio da nova tecnologia de inteligência artificial Deepseek, diversos eventos trouxeram maior interesse para o setor como, por exemplo, o encontro de Xi Jinping com empresários da área de tecnologia, o anúncio de um pacote fiscal voltado para inteligência artificial e a apresentação da inteligência artificial do Alibaba.

Quando analisamos os reflexos desse cenário para o Brasil, cria-se a expectativa de que poderíamos ver um movimento semelhante ao do início do ano se prolongando pelo restante de 2025. Isso porque o investidor estrangeiro utiliza o Brasil como proxy da economia chinesa, e essa melhora no sentimento poderia se refletir em fluxos de capitais para a bolsa brasileira. Além disso, um dos principais fatores que impulsionaram a boa performance das bolsas ao redor do mundo foi a desvalorização do dólar, com fluxos de capital saindo dos EUA e migrando para outros mercados. Portanto, um cenário mais positivo para a Europa poderia contribuir para a continuidade do movimento no mercado local.

Historicamente, uma forte desaceleração nos EUA resulta em maior aversão ao risco, mas uma desaceleração suave da economia norte americana, evitando um colapso súbito, também pode fomentar um cenário mais favorável para o resto do mundo.

No entanto, em análise mais profunda, encontramos pontos que vão de encontro ao otimismo observado. Entre eles estão: i) a melhora no sentimento em relação à China está mais atrelada ao setor de tecnologia do que à indústria, o que limita os benefícios diretos para a economia brasileira; ii) na Europa, o impulso fiscal alemão, em um primeiro momento, será direcionado para o setor de defesa, o que tem pouco impacto para as empresas brasileiras e efeito reduzido sobre os fluxos para mercados emergentes. No entanto, como a Europa é um mercado amplo e relevante, os fluxos de capital vêm saindo de lá há bastante tempo, o que pode criar oportunidades no futuro; iii) uma possível recuperação da economia americana pode levar a uma valorização da bolsa dos EUA. Dado que um dos fatores que impulsionou as bolsas globais foi a migração de capital do S&P 500 para outros mercados, uma reversão parcial deste fluxo poderia ocorrer.

Olhando para os diferentes setores no Brasil, é relevante destacar o lançamento do novo produto de empréstimo consignado para trabalhadores do setor privado impactando os preços de ações do setor bancário.

A nova regulamentação do produto possibilitará a utilização de garantias mais sólidas e tornará o produto mais acessível aos trabalhadores. Os pagamentos mensais continuarão a ser deduzidos do contracheque do trabalhador, limitado a 35% da renda, mas com a possibilidade de utilização de 10% do valor do FGTS e até 100% das multas rescisórias. Esse novo formato deve gerar níveis de inadimplência mais baixos e, consequentemente, taxas mais baixas. Ainda que tenha o potencial de aumentar a penetração de crédito entre os trabalhadores formais, existe a possibilidade de canibalização entre produtos de crédito com taxas mais elevadas. Se acontecer de forma relevante, essa substituição deve impactar negativamente a rentabilidade de produtos de crédito, mesmo que possa ser parcialmente compensada por um maior volume de novos desembolsos, o que traz riscos a rentabilidade dos bancos no curto prazo.

No setor de energia, o Brent encerrou março em US\$73, apresentando estabilidade mensal, porém enfrentou volatilidade no período. Inicialmente, a cotação caiu para US\$69, pressionado por incertezas sobre impactos das tarifas americanas (efeitos sobre demanda), expectativa de aumento de produção da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) e rumores de cessar fogo entre Rússia e Ucrânia. Posteriormente, recuperou-se gradualmente para US\$73 devido a novas sanções dos EUA contra Irã e Venezuela, revisões para baixo da EIA para produção global e tensões geopolíticas persistentes (acordo frágil Rússia-Ucrânia e nova tensão Israel-Gaza). Para abril, é esperado continuidade na volatilidade, especialmente devido as novas tarifas americanas anunciadas.

Em suma, a percepção de risco e o sentimento dos investidores melhorou, tanto para o cenário externo quanto para o interno, o que explica o desempenho positivo da bolsa local no primeiro trimestre de 2025. Entretanto, continuamos acreditando que o nível de incerteza nos próximos meses ainda é expressivo. Acreditamos que o ano será volátil, e essa volatilidade será um fator crucial para nossa gestão.

FUNDO DE FUNDOS



- João Uchoa Borges -

Head Fundo de Fundos

// A CONJUNTURA DO MERCADO AINDA REQUER CAUTELA, PRINCIPALMENTE COM AS NOVAS DECLARAÇÕES VINDAS DOS ESTADOS UNIDOS. //

Fechamos um primeiro trimestre com forte valorização dos ativos locais, em contrapartida, os ativos globais, principalmente americanos, tiveram forte realização. Nos Estados Unidos, os olhares continuam em Donald Trump. As decisões do governo começaram a afetar negativamente os mercados de risco e preços. A não linearidade e constantes investidas tarifárias nos diversos parceiros comerciais, tem reduzido as expectativas de PIB e ainda não se sabe os efeitos posteriores na inflação. Além disso, o governo também anunciou novas taxações que ocorrerão em 02 de abril, chamado de Liberation Day. Com todo esse cenário, os ativos de risco nos Estados Unidos seguiram realizando, com quedas expressivas do S&P (-5,75%) e Nasdaq (-8,21%).

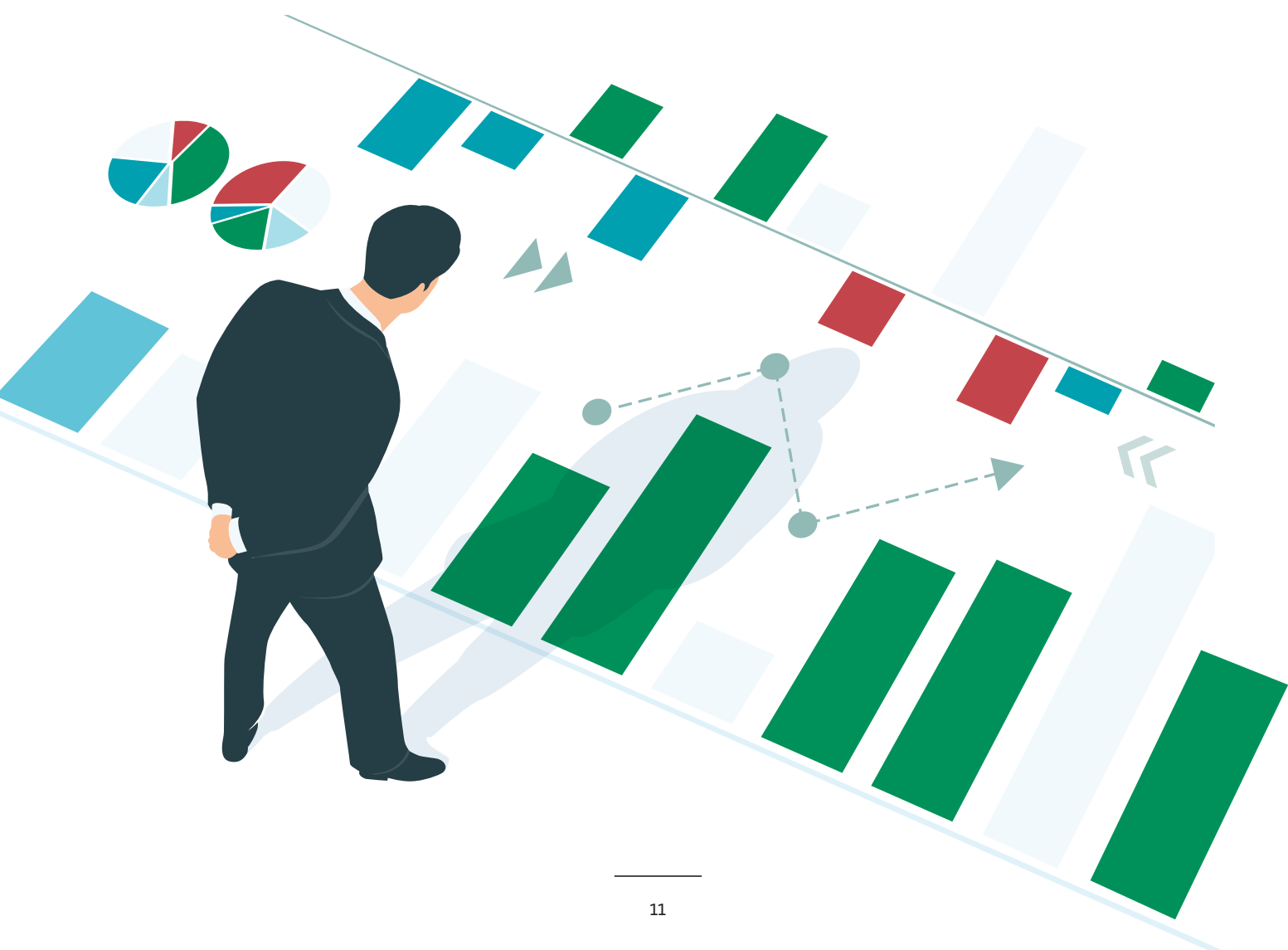
No cenário doméstico, o sentimento de melhora continuou, apesar do externo bem negativo. O governo apresentou sua proposta de desoneração do IRPF de até R\$ 5.000,00 em contrapartida de taxas adicionais para ganhos acima de R\$ 50.000,00. Do lado da Política Monetária, o Banco Central entregou o aumento de 100bps já programados em dezembro/24 e para as próximas reuniões, espera-se mais algum ajuste adicional de 50bps para cima. A atividade doméstica traz alguns sinais dúbios, com desaceleração do consumo por parte das famílias, derivada de uma Taxa Selic elevada versus desemprego historicamente baixo e expansão salarial. Mesmo com taxas de juros reais bastante elevadas, com todo o posicionamento expansionista do governo, continuaremos vendo um crescimento esperado perto de 2%.

Em relação aos portfólios, nos mandatos CDI+, o resultado foi misto. A seleção de multimercados, em sua maioria, não conseguiu superar o CDI, mesmo com a Bolsa local e juro nominal pré-fixado performando bem. Bolsa Global (principalmente US) e apostas mais pessimistas no mercado local, levaram a essa performance mais fraca. Na parcela *Long Short* e *Long Bias*, tivemos dispersões. Alguns fundos conseguiram performar acima do CDI e em linha com o Ibovespa. Em nossa parcela de Renda Fixa Ativa, o resultado foi aquém do esperado, com os fundos tendo apostas de alta na curva de juros, o que não aconteceu. Na parte de Ações, a nossa seleção acabou não superando o Ibovespa. Sendo assim, nos *benchmarks* compostos os resultados ficaram abaixo da referência.

Falando sobre o primeiro trimestre, fizemos poucas alterações nos portfólios. A conjuntura do mercado ainda requer cautela, principalmente com as novas declarações vindas dos Estados Unidos. Os impactos nos preços apareceram de forma mais clara nas últimas semanas. Seguimos monitorando, mas com posições ainda conservadoras.

ÍNDICES

	CDI	IRF-M	IMA Geral	IMA-B	IMA-B 5	Dólar	Ibovespa	IBX	SMLL
Março	0,96%	1,39%	1,27%	1,84%	0,55%	-1,82%	6,08%	5,94%	6,73%
2025	2,98%	4,63%	3,50%	3,45%	3,11%	-7,27%	8,29%	8,17%	8,87%
12 meses	11,26%	4,82%	7,02%	0,75%	7,25%	14,93%	1,68%	2,04%	-14,90%



Este documento foi produzido pelo Banco BNP Paribas Brasil S.A. ou por suas empresas subsidiárias, coligadas e controladas, em conjunto denominadas 'BNP Paribas Brasil', com fins meramente informativos não se caracterizando como oferta ou solicitação de investimento ou desinvestimento de ativos. O BNP Paribas Brasil é instituição financeira regularmente constituída e em funcionamento no país e devidamente autorizada pelo Banco Central do Brasil e habilitada pela Comissão de Valores Mobiliários para a distribuição de cotas de fundos de investimentos. A BNP Asset Management Ltda. é a instituição devidamente autorizada pela Comissão de Valores Mobiliários como prestador de serviços de administração de carteiras categoria gestor de carteira.

Apesar do cuidado na obtenção e manuseio das informações apresentadas, o BNP Paribas Brasil não se responsabiliza pela publicação acidental de informações incorretas, nem tampouco por decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste documento, as quais podem sofrer mudanças a qualquer momento sem aviso prévio. Esse material não caracteriza nenhuma oferta de investimento. Antes de qualquer decisão de investimento, é obrigatório certificar-se sobre o seu perfil de risco X perfil de risco do produto pretendido, nos termos da regulamentação em vigor. Esse documento contém informações e declarações prospectivas referentes ao BNP Paribas Brasil e ao mercado em geral. Essas declarações não constituem fatos históricos e abrangem projeções financeiras e estimativas, bem como hipóteses sobre as quais estão baseadas declarações relativas a projetos, objetivos e expectativas relacionadas às operações, produtos e serviços futuros ou performances futuras. Essas declarações prospectivas podem ser identificadas pelas palavras «esperar», «antecipar», «acreditar», «planejar» ou «estimar», bem como por outros termos similares; Informações e opiniões contidas neste documento foram obtidas de fontes públicas por nós consideradas confiáveis, porém nenhuma garantia, explícita ou implícita, é assegurada de que as informações são acuradas ou completas, e em hipótese alguma podemos garantir a sua ocorrência. O BNP Paribas Brasil não assume qualquer compromisso de publicar atualizações ou revisões dessas previsões. Este documento foi produzido para uso exclusivo do seu destinatário, não podendo ser reproduzido, ao todo ou em parte, sem prévio consentimento do BNP Paribas Brasil. Caso V.Sa. não seja o destinatário pretendido, qualquer divulgação, cópia, distribuição ou qualquer ação conduzida ou omitida para que se baseie nisso, é proibida e pode ser considerada ilegal. O BNP Paribas Brasil não se responsabiliza por eventual perda causada pelo uso de qualquer informação contida neste documento. Leia a lâmina de informações essenciais e o regulamento antes de investir. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros.

Em dezembro/2023, a Fitch Ratings reafirmou o Rating Qualidade de Gestão de Investimentos da BNP Paribas Asset Management Brasil Ltda. ("BNPP AM Brasil") para "Excelente". A Perspectiva do Rating é Estável. A reafirmação do rating 'Excelente' da BNPP AM Brasil reflete a opinião da Fitch de que a gestora tem capacidade de investimento e características operacionais fortes. Os Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos seguem uma escala Global e são atribuídos em escala descritiva de cinco graus que vão de "Excelente" até "Fraco". Os ratings mais elevados - 'Excelente' e 'Forte' - são aplicados a gestores de recursos que atendam ou excedam os padrões tipicamente aplicados pelos investidores institucionais nos mercados internacionais. A metodologia de Atribuição de Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos da Fitch Ratings foi projetada para sistematicamente capturar, avaliar e reportar os principais atributos da plataforma operacional e de investimentos de um gestor de recursos, focando cinco pilares principais: processo de investimento; recursos de investimento; gestão de riscos; desempenho do investimento; e companhia, incluindo atendimento aos clientes. Para obter informações adicionais sobre a metodologia, acesse o website da agência, 'www.fitchratings.com.br'.

Você poderá acessar a Ouvidoria pelo telefone – 0800-7Des15999 ou através do e-mail: ouvidoria@br.bnpparibas.com – O horário de funcionamento da Ouvidoria é de segunda-feira à sexta-feira, das 9h às 18h. Acesse: brasil.bnpparibas (Administrador) ou bnpparibas-am.com/pt-br (Gestor). MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. AbriV/2025. CP 14.2025

VIEWPOINT



BNP PARIBAS ASSET MANAGEMENT

O investidor sustentável para um mundo em mudança